

Nova discussão e nova visão

O americano Marion Brady é um educador de primeira linha, professor há mais de 35 anos, além de palestrante e debatedor. Brady colabora com jornais de seu Estado, a Flórida, e escreve também artigos para o site *Education Week*, esclarecendo suas reflexões, que estão fazendo as pessoas que lidam com educação pensarem sobre o momento que estamos vivendo e procurarem novos caminhos para as escolas.

A partir desta edição, vamos debater as idéias dele – muito apropriadas – a respeito de diversos aspectos que interessam aos mestres e gestores. Nada melhor que abrimos com este artigo que segue, no qual Marion Brady ironiza quem fala muito sobre o século 21 e seus desafios, e também apresenta soluções por meio de uma simples pergunta que pode ser feita aos estudantes.

Por Alex Gutenberg

A hand in a white sleeve reaches upwards against a bright blue sky with scattered white clouds. The hand is open, with fingers spread, symbolizing aspiration or reaching for something higher.

EDUCAÇÃO NO SÉCULO 21

O QUE ISSO SIGNIFICA?

Por Marion Brady

O tema é comentado entre políticos, representantes de vendas, consultores e superintendentes – ou seja, em variados meios profissionais. É possível ler a respeito em qualquer lugar: editoriais, apostilas de vendas e políticas de determinadas escolas. Se fosse realizado um “torneio dos termos mais utilizados”, a expressão “educação no século 21” estaria, certamente, na dianteira, à frente de “a criança em sua totalidade”, “benchmarking” e dezenas de outras frases e palavras muito utilizadas, mas que, por nunca serem bem aplicadas ou definidas, chegam a perder sua credibilidade.

O que seria, exatamente, a “educação no século 21”? A princípio, a expressão significa qualquer coisa que a pessoa que a está utilizando quer que signifique. Façamos uma breve busca no Google e veremos que a expressão não é utilizada

com um significado particular: entre os resultados da busca, vemos que a educação no século 21 é “autêntica”, é “segura e livre de drogas”, é “baseada em projetos”. É moldada pela tecnologia. Ou não. Prepara os alunos para o mercado de trabalho. Para alguns, a educação no século 21 depende das forças do mercado. Para outros, essas mesmas forças vão destruir a educação. E por aí vai a lista de definições e contradições.

Se H. G. Wells estava certo quando disse que a história humana é “uma corrida entre educação e catástrofe”, e se a turma do aquecimento global estiver com a razão, é essencial que haja uma discussão sobre como deveria ser essa educação do século 21, a fim de deixarmos as coisas bem mais claras.

Todavia, dada a complexidade da própria educação e de todas as ideologias, teorias, agendas, discussões polí-

ticas e questões a ela relacionadas, acaba sendo inviável a realização de um diálogo coerente e significativo. Já é difícil imaginar todos os envolvidos na questão sentados ao redor de uma mesa para discutir o assunto. Pior ainda c ter a esperança de que uns ouçam os outros.

De qualquer maneira, esse é um tema que nós deveríamos tentar debater, pelo menos em termos locais. As discussões devem ser claras, diretas, sem clichês e focadas no âmago do problema: o que acontece (ou não) na cabeça das crianças como consequência da instrução.

É possível afirmar que existem quatro escolas de pensamento com diferentes idéias sobre o que deveria ser a essência geral da educação no século 21. Cada uma faz uma pergunta diferente sobre o que os garotos sabem ou podem fazer. Vamos analisá-las.

ESCOLA UM

Quantas respostas os alunos sabem?

Com raras exceções, essa é a questão que tem norteado o sistema tradicional de educação. Continua sendo assim nesta era de padrões estabelecidos e testes de avaliação ligados exclusivamente a determinado conteúdo.

– O que você aprendeu na escola hoje, Joãozinho?

– Eu aprendi que John Adams foi o segundo presidente americano e que Montpelier é a capital do estado de Vermont.

– Bom menino! Duas respostas corretas. Aqui estão cinquenta centavos. Continue assim.

ESCOLA DOIS

O que os alunos fazem quando não sabem as respostas?

Professores dedicados, que refletem sobre a prática de ensino, sabem que não é possível dar aos alunos respostas a todas as questões que vão enfrentar no futuro. Eles precisam aprender a encontrar suas próprias respostas.

– O que você aprendeu na escola hoje, Joãozinho?

– Eu aprendi a utilizar ferramentas de busca na internet e descobri como os dados de referência de uma biblioteca são organizados.

– Bom menino! Tome um dólar. Continue assim.

ESCOLA TRÊS

O que os alunos fazem com suas respostas?

Educadores que pertencem a essa relativamente pequena escola de pensamento são elogiados, mas pouco apoiados. Isso porque ninguém ainda descobriu uma forma de teste que analise esse tipo de conhecimento significativo para o mundo real.

– O que você aprendeu na escola hoje, Joãozinho?

– Aprendi que os supermercados foram planejados para que as pessoas gastem mais dinheiro do que pretendiam gastar. Por isso, no sábado, vou observar enquanto fazemos compras e descobrir exemplos de como isso é feito.

– Humm. Em que disciplina você aprendeu isso?

ESCOLA QUATRO

O que os alunos fazem quando ninguém sabe as respostas?

Pode-se afirmar com absoluta certeza que os problemas e desafios do século 21 serão diferentes de qualquer coisa que já foi enfrentada na história da humanidade. Conseqüentemente, a coisa mais importante que os alunos devem aprender é como construir suas próprias respostas.

“O que é preciso, se os estudantes estiverem dispostos a se adaptar para sobreviver ao futuro incerto, é criarmos ferramentas para gerarmos novos conhecimentos em escala gigantesca”

Uma rápida examinada nos padrões estabelecidos para a educação deixa claro que esta última escola tem poucos adeptos. Muito se fala a respeito da necessidade de os alunos realizarem processos cognitivos avançados, mas ao observar os métodos utilizados hoje, fica fácil provar que isso não ocorre.

O que é preciso, se os estudantes estiverem dispostos a se adaptar para sobreviver ao futuro incerto, é a habilidade de gerar novos conhecimentos em escala gigantesca. Essa capacidade requer o descobrimento de relações entre as diversas partes do mundo re-

al, principalmente aquelas que ainda não foram relacionadas. Por outro lado, isso requer que os alunos desenvolvam uma forma de organizar o conhecimento de tal maneira que tudo que eles aprendam faça parte de uma simples, compreensível e sistematicamente integrada estrutura de conhecimento.

O currículo usado em praticamente todas as escolas e faculdades americanas desde 1893 não prove e nem prevê essa estrutura. Tampouco promove interdisciplinaridades, problemas, projetos, cursos avançados, intercâmbios ou qualquer outra tentativa de reforma. Os diversos campos de estudos geralmente são paralelos, interseccionais ou sobrepostos, mas não há um esforço de uni-los para construir um todo. Isso significa que a ferramenta básica que os alunos precisam para desenvolver a criatividade frente ao desconhecido está sendo ignorada.

– O QUE VOCÊ APRENDEU NA ESCOLA HOJE, JOÃOZINHO?

– Eu aprendi que meu cérebro utiliza um excelente sistema para guardar informações. E, de acordo com a minha professora, a coisa mais importante que ela pode fazer por mim é me ajudar a entender esse sistema cerebral. Ela me disse que existe uma grande diferença entre simplesmente saber e saber o que se sabe, como e porque se sabe.

– Eu não tenho a menor idéia do que você está falando. Explique isso tudo de novo, desta vez, bem devagar.

Há mais de cem anos, o estudo dos mesmos conteúdos e disciplinas rege a rotina diária de milhões de estudantes. A academia continua determinada a fragmentar a realidade e a estudar separadamente esses pedaços, sem se preocupar com o fato de que eles são apenas partes, e sem respeitar o fato óbvio de que o todo é muito maior do que a soma desses fragmentos. E essa é a receita perfeita para uma verdadeira catástrofe social. **M**

Marion Brady, ex-professor, administrador escolar, educador, autor de livros didáticos, é colunista do Knight-Ridder/Tribune, da Florida, EUA. Tradução: Alex Gutenberg